Trabalho 1699

FATORES ASSOCIADOS AO ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO E COMPLEMENTADO EM CRIANÇAS MENORES DE 6 MESES

Silva, A. K. B.[1]
Coelho, M. A. G.[2]
Forte, A. R. A.[3]
Teixeira, T. O.[4]
Silva, R. C. C.[5]
Fontenele, L. S. A.[6]

INTRODUÇÃO: O aleitamento materno é essencial para a promoção da saúde da criança, ele protege contra as infecções mais comuns na infância: doenças respiratórias e diarréicas. Como também protege de doenças não infecciosas, como a desnutrição, fenômenos alérgicos, anemia ferropriva, hipocalcemia neonatal, entre outras. Quando ele é exclusivo até os seis meses de vida tem uma colaboração importante na redução das mortes de crianças menores de cinco anos e na prevenção anual de mais de seis milhões de mortes de crianças[1]. Nesse contexto, nos últimos trinta anos, o Brasil vem desenvolvendo políticas e ações que visam promover, proteger e apoiar o aleitamento materno. A perspectiva maior se deu na área hospitalar, com a criação do Alojamento Conjunto, criação e funcionamento dos Bancos de Leite Humano, criação do Hospital Amigo da Criança e a proibição da distribuição dos substitutos do leite materno nos serviços de saúde. No âmbito da Atenção Básica, foi instituída a Rede Amamenta Brasil, cujo propósito é envolver todas as realidades apoiando o aleitamento materno, como a implantação de salas nas empresas particulares voltadas para a amamentação[2]. Contudo, diversos são os fatores que interferem no processo de interrupção da amamentação. OBJETIVO: Assim, o objetivo do presente trabalho foi identificar fatores associados ao aleitamento materno exclusivo e ao aleitamento materno complementado em mães que freqüentam a Unidade de Atenção Básica do Sistema Único de Saúde. DESCRIÇÃO METODOLOGICA: Trata-se de um estudo exploratório e descritivo, com abordagem quantitativa. O local de estudo foram duas Unidades Básicas de Saúde, selecionadas de modo aleatório, durante o período de fevereiro a maio de 2013. A população constou de mães e filhos na faixa etária de até 6 meses de idade que compareciam a Unidade Básica de Saúde buscando atendimento, enquanto a amostra constou de 94 mães que levaram seus filhos para atendimento de Puericultura, ou para a Sala de Vacina. Os dados foram coletados pelas próprias pesquisadoras seguindo um instrumento com trinta perguntas, referentes a informações sobre a mãe, história obstétrica e informações da criança. Com o objetivo de caracterizar o grau de conhecimento da mãe sobre o aleitamento materno, questionou-se sobre os benefícios do aleitamento materno, definiu-se que não tinha conhecimento aquelas mães que afirmaram não haver benefício, aquelas que responderam pelo menos dois benefícios foram caracterizadas como pouco conhecimento e as que possuíam bom conhecimento foram as que reconheceram três ou mais benefícios. Quanto à análise dos dados, para todas as variáveis categóricas foram aplicados testes de Qui-quadrado, e o programa utilizado foi o Stata. Ressalte-se que a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética da Universidade de Fortaleza. RESULTADOS: A análise dos dados maternos permite inferir que a maioria das mães concentrava-se na faixa etária de 20 a 34 anos; possuía união estável com seus companheiros; havia cursando o ensino médio completo; tinham uma renda familiar de um salário mínimo e realizaram 6 ou mais consultas de pré-natal. Ao avaliar o perfil das mães que não amamentaram e aquelas que estavam em aleitamento materno

1 1, 2, 3, 4. Graduandas do Curso de Enfermgam da Universidade de Fortaleza UNIFOR. Fortaleza-CE, Brasil;
5. Mestre em Enfermagem. Docente da Universidade de Fortaleza UNIFOR.
6. Mestre em Enfermagem. Docente do Centro Universitário Estácio FIC. Enfermeira Assistencial do Hospital Distrital Gonzaga Mota de Messejana.

Trabalho 1699

exclusivo, eles assemelham-se tanto entre si quanto ao descrito acima. Ao passo que, dentre aquelas que estavam praticando o Aleitamento Materno Exclusivo destacaram-se as seguintes características: idade materna entre 20 à 34 anos, Os dados revelaram que 52,9% das mães que não estavam amamentando ofereceram outro alimento aos filhos com idade inferior a 1 mês e 47,1% com idade entre 1 a 3 meses. Dentre as crianças que não foram amamentadas, destacara-se os seguintes fatores: econômicos (5,9%); choro da criança (35,3%); baixa produção de leite (23,5%); dor, mastite ou fissuras no seio (11,8%) e outros motivos (23,5%). Ao passo que, aquelas mães que complementaram a mama relataram tomar tal atitude quando as crianças tinham menos de 1 mês (13,9%), de 1 a 3 meses (58,3%) e de 4 a 6 meses (27,8%). As mães que complementaram a mama afirmaram sofrer influência de: fatores econômicos (30,6%); choro da criança (41,7%); baixa produção de leite (2,8%); dor, mastite ou fissuras no seio (2,8%) e outros motivos (22,2%). Avaliou-se também o conhecimento das mães sobre o aleitamento materno e constatou-se que 11,8% das mães que não amamentaram não tinham conhecimento sobre a temática, 64,7% tinham pouco conhecimento e 23,5% tinham bom conhecimento. CONCLUSÃO: Os resultados do presente estudo sinalizam a carência de atenção voltada para um grupo de mulheres de baixa renda, que necessitam voltar ao trabalho para garantir o sustento da família e que apresentam pouco conhecimento sobre os benefícios do leite materno, o que pode ser decisivo para a não adesão ao aleitamento materno exclusivo e assim introduzir alimentos que não são adequados à criança comprometendo o crescimento e desenvolvimento delas. Desse modo, esses resultados remetem à necessidade de refletir sobre a efetividade das políticas públicas voltadas para a promoção da prática correta do aleitamento materno e a manutenção do aleitamento materno exclusivo até o 6º mês de vida; além da alimentação complementar adequada no tempo certo. Em vário cenários essa mulher estará presente, uma vez que, o pré-natal, o parto e o puerpério são momentos marcantes na vida da mulher e necessitam de intervenções pelos profissionais de saúde, principalmente o enfermeiro que está mais próximo da mulher no campo da Atenção Básica. O foco da atenção deverá ser a integralidade, contemplada pela família, a criança, os fatores ambientais, sociodemográficos e biológicos de cada contexto específico. CONTRIBUIÇÃO PARA A ENFERMAGEM: A contribuição advinda dos resultados do presente trabalho para a enfermagem é o incentivo à reflexão no sentido da qualidade da assistência. Um número de consultas adequado de pré-natal e de puericultura pode não garantir a adoção de práticas saudáveis, portanto, deve-se priorizar a conversa realmente fundamentada no nível de entendimento e cultural da clientela.

1. Ministério da Saúde (BR). Saúde da Criança: Nutrição Infantil. Aleitamento Materno e Alimentação Complementar. Caderno de Atenção Básica, n.23. Brasília; Ministério da Saúde; 2009.
2. Ministério da Saúde (BR). Aleitamento Materno, distribuição de leites e fórmulas infantis em estabelecimento de saúde e a legislação. Brasília; Ministério da Saúde; 2012.

DESCRITORES: aleitamento materno; enfermagem.

EIXO II: Interfaces da Enfermagem com práticas profissionais e populares de cuidado em saúde.